



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES
CULTURAIS

Ceila Portilho Maciel

ANTROPOÉTICA DO CORPO E DO MOVIMENTO EXPRESSIVO:
Descolonizações e Derivas por uma Epistemologia Corporificada

Projeto de pesquisa de doutorado apresentado no
XV Seminário Drama, Performances e Suas Antropologias

Área de Concentração: Performances Culturais.
Linha de Pesquisa: Espaços, Materialidades e Teatralidades.
Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Luciana Hartman

Goiânia, setembro de 2016

SUMÁRIO

Introdução	p. 2
Objetivo Geral	p. 4
Objetivos Específicos	p. 4
Metodologia	p. 5
Justificativa	p. 7
Breve discussão teórica	p. 9
Cronograma de atividades	p. 13
Bibliografia	p. 14

Antropoética do Corpo e do Movimento Expressivo: Descolonizações e Derivas por uma Epistemologia Corporificada.

Ceila Portilho Maciel

PPGIPC/EMAC/UFG

Introdução

Esse projeto de pesquisa nasce de uma inquietação e do desconforto com os preceitos, cânones e parâmetros acadêmico-científicos hegemônicos ainda vigentes, especialmente no que concernem os conhecimentos e *saberes do corpo*, do universo da corporeidade e do movimento expressivo humano. Falo de saberes que, há séculos, têm sido excluídos das perspectivas e parâmetros de construção (e de reconhecimento) do conhecimento, mais especificamente na sociedade ocidental capitalista, midiática e de consumo.

A partir de uma vivência profissional de quase 30 anos nas *artes do corpo em movimento* (leia-se principalmente na dança contemporânea, dança teatro, teatro físico e arte marcial kalaripayattu) – em que vi corpos, performances cotidianas e vidas se transformarem, radicalmente, pela vivência e corporificação dessas práticas, sensibilidades e saberes – parto da premissa de que esse universo, que aqui nomeio *práticas sensíveis e criativas de conhecimento através do corpo/movimento*, contém uma potência revolucionária de formação e trans-formação dos sujeitos, de sua existência, relações e performatividade. Essa perspectiva trouxe reflexões sobre o lugar do corpo e das artes do movimento – consciente e criativo – em relação aos processos formativos, assim como, aos saberes humanos e à construção do conhecimento.

O objetivo desta pesquisa é, portanto identificar e vivenciar diferentes correntes teórico-metodológicas, no campo das artes, dos estudos da performance e dos estudos interdisciplinares, por exemplo, que permitam incluir a corporeidade (ou seja, o corpo em movimento sensível, expressivo, afetivo e criativo, entre outros aspectos), nos processos de pesquisa, elaboração e construção do conhecimento, com o desafio de investigar caminhos possíveis, para posteriormente tecer uma narrativa acadêmico-científica, própria, corporificada, especialmente ao falar da potência radicalmente transformadora e revolucionária dos *saberes do corpo e do movimento*, na existência do sujeito em sociedade.

Para Sônia Maluf (2002, p. 96), fica claro, em diferentes fenômenos sociais atuais, que uma determinada estética corporal (escolhida), revela “uma forma de se constituir como um determinado tipo de sujeito – nesse caso é o corpo, ou mais especificamente uma corporalidade, que constrói uma determinada pessoa”. Em busca, portanto, de evidenciar esses processos e contribuir para que a perspectiva dos estudos acadêmicos do corpo se abra para esse novo paradigma, e para outros tantos paradigmas possíveis pelos saberes do corpo, é que proponho relacionar a pesquisa teórica e a empírica, de forma que teoria e prática da coreologia¹ e do campo da performance² possam se retroalimentar.

Através da observação dos corpos, em processo de trans-formação na dança contemporânea e na educação somática, é possível compreender que as dimensões e transformações corporais vivenciadas, ou “*corporificadas*” pelo indivíduo, determinam as suas relações e o teor da maneira como compõe a sua realidade; é o que diz minha experiência profissional. Um corpo que se transforma é um sujeito que se ressignifica; uma descoberta nas habilidades de movimento do corpo é uma redescoberta nas dimensões e qualidades deste corpo na vida; novas possibilidades musculares, ósseas e reconfigurações nos sistemas corporais, determinam novos caminhos de contato e relação com o chão, com o espaço e com os outros corpos no espaço/tempo. Um novo ser/estar/se mover no mundo. Inúmeras foram as situações e sujeitos, ao longo da vida, em que pude testemunhar a clareza deste fenômeno, como experiência vivida.

Que tipo de saber encontramos no movimento da dança? O que sabemos sobre e através deste movimento? Por outro lado: como impacta o movimento e o que este efetua em nosso saber e na ciência do ser humano? A primeira questão é fascinante e possui amplas ramificações – bailarinos e coreógrafos bem como filósofos

¹ O termo Coreologia, de acordo com indicativos históricos, segundo Julio Mota (2012.1, p. 65) teve seu primeiro registro no Laboratório Coreológico de Moscou, tendo sido utilizado pelos Russos, desde 1923. A documentação existente neste laboratório define Coreologia como “o estudo teórico-prático da arte do movimento” (PRESTON-DUNLOP, 1995 apud MOTA, 2012.1, p. 65). Porém, a Coreologia, foi efetivamente desenvolvida e ampliada por Rudolf Laban, inicialmente no Instituto Coreográfico em Würzburg, e ao longo de toda a sua vida (1879-1958), contando com a colaboração de seus alunos e pares, e “*tornando possível o surgimento de uma abordagem objetiva, científica do estudo do movimento humano*” (MOTA, 2012.1, p. 65, grifo meu).

² Utilizo aqui o conceito de performance de forma abrangente, como perspectiva estética, política e reflexiva dos processos sócio-culturais e suas implicações no modo de construção do conhecimento. Mais especificamente o projeto se alinha com a noção proposta por “Kapchan (1995), que relaciona a performance às práticas estéticas que envolvem padrões de comportamento, maneiras de falar e maneiras de se comportar corporalmente” (HARTMANN, 2009b, p. 218); porém, estamos de acordo com Bauman e Brigs, que “apontam também para os significados múltiplos do conceito e criticam o uso de ‘Performance’ com um termo único ou como jargão, desprovido de sua complexidade de influências crítico-teóricas” (apud LANGDON, 2008, p. 165).

fenomenológicos e neurocientistas perguntam: em que consiste o saber específico da dança?” (BRANDSTETTER, 2012, p. 104).

Trata-se nesta pesquisa de uma busca em direção à descolonização do pensamento e da prática do sujeito pesquisador, que há de passar por uma descolonização do próprio corpo, imaginário e corporeidade, na construção do que escolho nomear como – *Antropoética do Corpo* – enquanto perspectiva científica para os estudos do homem, que integra o corpo, a corporeidade, o movimento expressivo, a sensibilidade, a afetividade, a estética, a poética, a performatividade e a criatividade, por exemplo, no processo de construção do conhecimento e da narrativa acadêmico-científica, especialmente no que concernem os estudos culturais.

Neste caminho, venho encontrando, inicialmente, os estudos da performance e da performatividade social, as teorias sociais que evidenciam e analisam criticamente as limitações das construções teórico-científicas excessivamente positivistas, racionalistas e/ou logocêntricas, assim como as que analisam a coisificação sócio-política e econômico-cultural do corpo e dos sujeitos; finalmente, e com especial identificação, inicio um diálogo com as propostas de descolonização do corpo e do imaginário, assim como do pensamento e da ciência – em busca de novas elaborações, novos caminhos de vivência e construção do conhecimento, novas possibilidades de ser/estar/se mover no corpo pesquisador, em busca de novas possibilidades de tessituras epistemológicas.

Objetivo Geral

Investigar diferentes correntes teórico-metodológicas que pensam o corpo e o movimento expressivo (dialogando com as noções de conhecimento corporificado e da descolonização do pensamento), a fim de tecer uma narrativa própria, a partir da corporeidade, de modo a contribuir para o aprofundamento dos conhecimentos em relação à corporeidade e ao lugar do corpo nos processos de formação em sociedade.

Objetivos Específicos

- Fazer uma revisão bibliográfica das principais obras relacionadas à temática em questão, especialmente dos autores que secularmente desenvolveram uma análise crítica sobre a “ausência” e/ou coisificação do corpo, na estrutura social ocidental das sociedades complexas, especialmente Rousseau, Bachelard, Foucault, Barthes, Deleuze, Csordas e Le Breton.

- Pesquisar e dialogar com os autores contemporâneos que desenvolvem as questões relacionadas aos saberes do corpo, assim como à construção de conhecimento e do pensamento com perspectivas descolonizantes, não logocêntricas e inovadoras nos campos teórico-metodológicos e epistemológicos da prática científica, assim como Kirsten Hastrup, Debora A. Kapchan, Boaventura de Souza Santos, Suely Rolnik, Michel Serres, Erika Fischer-Lichte, Gabriele Brandstetter, Catherine Walsh e Tim Ingold.

- Caminhar com os estudos teóricos em diálogo com a pesquisa empírica dos saberes do corpo em transformação pelo movimento, de forma a permitir que a metodologia da pesquisa seja sempre de novo invadida e permeada pela corporeidade em movimento dos saberes do corpo, levando a pesquisa, também enquanto performatividade, a lugares inusitados e inesperados, à deriva, aos interstícios e liminaridades próprios da vida e da existência, para além da estabelecida teorização acadêmico-científica.

- Pensar e investigar as trans-formações que a experiência – *erlebnis e erfahrung* – da corporeidade, pelo universo sensível e criativo do corpo e do movimento possibilita, através de vivências pessoais, ou seja, experiências liminares de re-constituição do sujeito, que em certo sentido se assemelha a rituais iniciáticos ou cosmogônicos.

- Tecer uma narrativa corporificada, cartográfica e criativa para a apresentação dos resultados da pesquisa teórico-prática em questão, de maneira que os *saberes do corpo e do movimento* estejam entrelaçados e entretecidos com os conhecimentos teóricos adquiridos, nas tessituras dessa narrativa (performática), enquanto linguagem textual, na conceituação e sistematização dessa perspectiva de descolonização do corpo, do imaginário, do pensamento e da ciência, por uma *Antropoética do Corpo e do Movimento* que inclua, de fato e de direito, a corporeidade e outros saberes possíveis.

Metodologia

O maior desafio para a proposta metodológica, quanto à investigação acadêmico-científica, é o de continuar bebendo na fonte poética do corpo e da coreologia, em seus interstícios imagéticos e criativos, em suas ressonâncias afetivas e inefáveis, encontrando caminhos para elaborar e compor cada momento e cada aspecto do caminhar – no que se refere aos elementos e estrutura da pesquisa empírica e na construção dos parâmetros e da linguagem de registro e análise – de modo que permita preservar as dimensões próprias do corpo e do movimento expressivo na narrativa.

A metodologia deve se construir na medida do entrelaçamento da pesquisa teórico-conceitual com as vivências corporais da pesquisa empírica, assim como das experiências e vivências do dia a dia da pesquisadora, e dos pares de pesquisa, nesse processo de investigação entremeado da existência “profana”, ou seja, da vida. Qualquer metodologia para essa pesquisa só pode se construir e fazer sentido, sendo construída ao longo das descobertas e vivências próprias desse processo.

A pesquisa se estrutura, inicialmente, em três âmbitos. O primeiro, refere-se a um recorte cujo objeto central é a pesquisa empírica com estudantes do curso de Licenciatura em Dança, da FEFD/UFG: uma investigação do processo de transformação dos corpos, corporeidades e realidades existenciais dos sujeitos envolvidos. Parte da premissa de que se opera uma trans-formação radical no sujeito, pela influência da prática constante do movimento consciente e expressivo. Este âmbito da pesquisa de campo pretende investigar, analisar e pensar esse processo de trans-formação e re-constituição do sujeito, ao longo do primeiro ano de curso e formação em dança. O objetivo inicial desta pesquisa empírica é verificar se, e como, essa trans-formação se manifesta na vida cotidiana *de sujeitos que se permitem ocupar, revigorar e empoderar a corporeidade latente* e quais os elementos fundamentais nesse processo.

A segunda etapa trata dos estudos teóricos, revisões bibliográficas e mergulho nos estudos sobre o corpo, nos estudos da performance e nas perspectivas descolonizadoras da epistemologia e da pesquisa científica. Etapa que deve tomar corpo enquanto processo de estudo realizado em outra perspectiva e realidade cultural, preferencialmente na Europa, posto que berço da civilização ocidental e dos parâmetros científicos e de construção do conhecimento hegemônicos até os nossos dias e dominantes na maioria dos territórios acadêmico-científicos com os quais dialogamos no ocidente, os quais servem de paradigma a ser quebrado e inspiração de tensionamento para o desenvolvimento das reflexões sobre os saberes em questão e as narrativas possíveis.

A perspectiva subjetiva do corpo e do movimento, assim como a premissa inicial, me levam em busca de uma narrativa acadêmico-científica que possa falar dessa trans-formação, mas que inclua o *corpo em movimento, os saberes do corpo, suas poéticas e suas performances*, de maneira radical e plena, na própria dinâmica de elaboração da linguagem teórico-conceitual. Não obstante, servem de referências e inspirações propostas metodológicas e experiências científicas tais como a cartografia (ver Guattari e Rolnik, 1996), em que o mergulho no território de pesquisa é despido de qualquer

pretensão de explicações ou revelações e o pesquisador muito ao contrário, “quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.” Linguagem não como tradutora de “verdades”, mas enquanto “criação de mundos.” (ROLNIK, 1989, p.15)

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (...) O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência...até os fantasmas, inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não. (ROLNIK, 1989, p.15-16)

Arriscar é o mínimo que podemos fazer neste caminhar em direção ao novo. Na busca de novas perguntas, novos paradigmas, novos caminhos e novas construções só o desconhecido pode nos levar adiante. Só o risco possibilita a construção de algo novo. Só o não saber pode nos levar a outras dimensões do saber em sociedade. Importante deixar claro que longe de desmerecer a racionalidade e os processos intelectuais mentais, buscamos a valorização de uma integração das faculdades e saberes e do potencial cognitivo, expressivo e criativo.

É uma entrada em territórios que não podem mais ser descritos unicamente com um conceito de saber controlável e operacional: o campo do imprevisível, do não-saber, do incontrolável enquanto reivindicação de outra experiência e de um engajamento político diferente. Neste ponto, o estado público e a visibilidade de tais cenografias talvez sejam os mais importantes e desafiadores – no limite do saber, de outro tipo de saber do não-saber. Samuel Beckett, um especialista nesse campo, o formulou com as seguintes palavras: “Ser artista significa fracassar como ninguém outro tem coragem de fracassar.” (BRANDSTETTER, 2012, p. 110).

Justificativa

A sociedade contemporânea que vê o planeta e a vida se deteriorarem com o ainda dito progresso e o processo de autodestruição, urge e grita por novos caminhos. Diante da relação saber-poder, sabemos que a dominação epistemológica a partir das colonizações imprimiu um império do saber racional, positivista, eurocêntrico, competitivo, masculino, etc., que tem se consolidado mundialmente e levado a uma decadência social, cultural, econômica e existencial. Então, por que não, como sugere Boaventura de Souza Santos, em sua provocações pelas Epistemologias do Sul, enfrentarmos o desafio de retirar os muitos outros saberes que foram relegados a um

“espaço de subalternidade” e caminhar em busca de novas possibilidades epistêmicas que contemplem o resgate, o desvelamento e a valorização de outros aspectos e saberes até então oprimidos, ocultos, alijados e suprimidos dos processos de construção dos saberes no campo científico e, portanto em sociedade?

Ou seja, por esse “diálogo horizontal” entre conhecimentos e saberes a que Boaventura de Souza Santos (2009) nomeia ecologia de saberes, pretendemos dar nossos primeiros passos, de corpo/mente/alma inteiros e plenamente engajados na tessitura de uma escrita corporificada, sobre os saberes do corpo e da corporeidade nos estudos das performances humanas. Para tanto, é necessário dar um salto no escuro, ainda que com todos os instrumentos, conceitos e artefatos que o desenvolvimento da ciência nos possibilitou até hoje, desde que eles não pesem demasiado a ponto de retirar o corpo, a sensibilidade e a criatividade dos processos de construção cognitiva e epistemológica.

(...) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e nos seus impactos em outras práticas sociais. É à luz delas que importa questionar o impacto do colonialismo e do capitalismo modernos na construção das epistemologias dominantes. (SANTOS, 2009, p.7).

Mas, se falamos não só de descolonialidade, mas também das epistemologias do sul, que segundo os preceitos de Boaventura passam por “aprender a partir do sul e com o sul”, por que motivo é importante realizar parte dos estudos na Europa, berço da civilização responsável pelos processos de colonização? Talvez e exatamente para termos uma experiência corporificada de certas referências basilares e vivenciarmos na prática o terreno aonde se construíram e consolidaram os movimentos cujos paradigmas fundantes desejamos tensionar, leia-se o velho mundo, mais precisamente os países europeus. Vivenciar de forma corporificada os paradigmas e contradições desta relação não pode senão fortalecer a possibilidade de diálogo, intercorporalidade e intertextualidade entre essas diferentes perspectivas e realidades.

We do not proceed any more only from the assumption that culture has to be understood as a text, made up of signs that has to be read as the concept of culture will have it that dominated since the linguistic turn in the seventies: "Culture as text". We rather have come to understand that culture is also, if not in the first place, performance. (FISCHER-LICHTE, 2004, p.1)

Portanto, fazer parte dos estudos em outro país é fundamental no sentido de abrir possibilidades para aprofundar conhecimentos em relação ao referencial teórico da pesquisa, além da possibilidade de investigar e vivenciar novos caminhos de

desenvolvimento de pesquisas científicas a partir das respectivas abordagens, nas peculiaridades de seus desdobramentos na Europa. Permite ainda enriquecer a pesquisa, no que concerne a conceituação, metodologia e narrativa, através das parcerias com pesquisadores da instituição em questão, e em contrapartida oferecer informações e vivências dos trabalhos teórico-práticos desenvolvidos aqui na nossa área, contribuindo para divulgar e projetar as peculiaridades e riquezas das propostas e processos inovadores, nos campos dos estudos da performance e campos afins, assim como nos estudos interdisciplinares em expansão no Brasil.

Breve discussão teórica

Alguns conceitos e paradigmas basilares norteiam a pesquisa, como o conceito de *embodiment*, proposto por Csordas. De acordo com Hartmann (2009b), Csordas, em seu artigo de 1990, propõe um novo paradigma, no qual o corpo é pensado como “sujeito da cultura”.

Nesse, o autor desenvolve o chamado *embodiment paradigm* como uma estratégia metodológica na qual a *experiência corporal deve ser compreendida como a base existencial da cultura e do self, podendo ser usada também como um ponto de partida valioso para a análise desses* (o corpo passa a ser sujeito e não mais um mero objeto da cultura). Para Strathern (1996, p.2), em comentário sobre a obra do autor, o uso do termo *embodiment* representa um ganho na busca de uma abordagem da pessoa em sua totalidade, pois enquanto “indivíduo” e “pessoa” são conceitos com referenciais abstratos, *embodiment*, ao contrário, está calcado numa referência concreta, a presença aqui-agora que permite a comunicação com o outro. (HARTMANN, 2009b, p. 221-222, grifo meu).

É com o objetivo de reconhecer e aprofundar a compreensão do que significa essa nova perspectiva do corpo e a “centralidade da experiência corporal” (MALUF, 2002, p. 96), tanto na constituição do sujeito e das relações que se estabelecem em sociedade, como na maneira com que os corpos potencialmente recriam e ressignificam tais padrões corporais, no seu contexto social, que pretendo desenvolver essa pesquisa, em busca de contribuições para a teoria do corpo, sob a perspectiva do corpo e do movimento expressivo, *corporificando*³ a experiência em todos os níveis e dimensões deste processo.

³ Utilizamos a tradução de *embodiment* para a noção de *corporificação*, concordando com a avaliação de Maluf (2006, p. 101): “Diversas traduções do *embodiment* para o Português já apareceram na literatura antropológica — incluindo alguns neologismos, como “incorporação”, ou o deslocamento do sentido de outras expressões, como “incorporação”. Eu considero ambas problemáticas. Incorporação está muito ligada nos estudos antropológicos brasileiros, à descrição do fenômeno da possessão em diferentes

Através da observação dos corpos, em processo de trans-formação na dança, é possível compreender que as dimensões corporais vivenciadas, ou “*corporificadas*” pelo indivíduo, determinam as suas relações e o teor da maneira como compõe a sua realidade; é o que diz minha experiência profissional. Um corpo que se transforma é um sujeito que se ressignifica; uma descoberta nas habilidades de movimento do corpo é uma redescoberta nas dimensões e qualidades deste corpo na vida; novas possibilidades musculares, ósseas e reconfigurações nos sistemas corporais, determinam novos caminhos de contato e relação com o chão e com os outros corpos no espaço/tempo. Um novo ser/estar no mundo. Inúmeras foram as situações e sujeitos, ao longo da vida, em que pude testemunhar a clareza deste fenômeno, como experiência vivida.

Para Maluf (2002, p. 96), fica claro, em diferentes fenômenos sociais atuais, que uma determinada estética corporal (escolhida), revela “uma forma de se constituir como um determinado tipo de sujeito – nesse caso é o corpo, ou mais especificamente uma corporalidade, que constrói uma determinada pessoa”. Em busca, portanto, de evidenciar esses processos e contribuir para que a perspectiva dos estudos acadêmicos do corpo se abra para esse novo paradigma, e para outros tantos paradigmas possíveis pelos saberes do corpo, é que proponho relacionar a pesquisa teórica e a empírica, de forma que teoria e prática da coreologia e do campo da performance possam se retroalimentar.

Em “A memória na Pele: performances narrativas de contadores de ‘causos’”, Hartmann (2009b, p. 224), fala sobre o quanto a “modelagem do corpo” e a “estetização de si” são importantes na constituição dos sujeitos, e intencionalmente utilizadas como “signo da construção social” e lembra que, “Já em Mauss (1974) aparece e noção de que o corpo é o lugar da personalidade social e da individualidade, e de que tanto o indivíduo quanto sua cultura podem ser identificados a partir das ‘técnicas corporais’ que utilizam” (p. 218). Hartmann apresenta inúmeras evidências dessa modelagem e dessa cartografia do corpo que se pode observar nas “atitudes, habilidades e comportamentos corporais, que marcam/identificam os sujeitos” e cita o artigo de Seeger, Viveiros de Castro e DaMatta, de 1979, em que percebem o corpo “*como matriz de significados sociais e objeto de significação social*” (p. 233, grifo meu). Vale mencionar outra referência apresentada por Hartmann nos caminhos de desvelamento

religiões. Encorporação é um neologismo que penso ser desnecessário, na medida em que o conceito de corporificação, existente na língua portuguesa, traduz de maneira razoável o significado dado por Csordas a *embodiment*.

das dimensões do corpo, falando da noção de “conhecimento incorporado” (*incorporated knowledge*):

Inicialmente encontrei esse conceito utilizado por Hastrup (1994), que trata da "*natureza corpórea do conhecimento*". Para ela, modelos culturais são incorporados, tanto no sentido de que são internalizados nas práticas corporais diárias quanto no sentido de que são expressos (externalizados) mais em ações do que em palavras. (HARTMANN, 2009b, p. 221).

Performance é outra noção basilar que, enquanto campo de estudos permite e propõe ressignificações e liminaridades conceituais e empíricas férteis para esta pesquisa, especialmente no que concerne as performances do cotidiano e sua potência conceitual e existencial (Vide Evreinov, 1927 e Goffman, 1959). Jean Langdon, em seu ensaio *Performance e sua diversidade como paradigma analítico*, termina sua análise do panorama de desenvolvimento dos estudos da performance, (particularmente no Brasil), concluindo:

A proposta de Bauman e seus colegas, tanto quanto as outras abordagens performáticas, oferecem contribuições ricas para o diálogo que a antropologia vem travando com outras disciplinas e também com nossos colaboradores na pesquisa de campo, de uma maneira que ressalta as negociações, a criatividade e a dinâmica da interação humana e atende às questões contemporâneas que tratam da experiência de estar no mundo” (LANGDON, 2008, p. 176).

A performance, seja ela artística, ritual, social ou cotidiana, em seus inúmeros desdobramentos, acontece no corpo e no momento, fala de presença, presença no corpo, presença no espaço/tempo, presença nas relações de comunicação e inter-ação com o meio, com os outros, outros corpos, outras performances no espaço/tempo/energia. Performance fala de presença e intensidade, corporeidade e liminaridade, encontros, interações, “co-presença corporal”, encontros, interação e entrelaçamentos (FISCHER-LICHTE, 2004). “Hence it follows that the concept of performance, that performance theory is in the centre and at the heart of all debates in cultural, social and art studies”. (FISCHER-LICHTE, 2004, p.1)

Vários são os entrelaçamentos possíveis entre os diversos paradigmas no sentido de trazer o corpo para o centro da experiência de existir no mundo e de iluminar a compreensão da natureza corpórea da experiência vivida; assim como da construção do sujeito pela corporeidade e da dimensão de corporificação do conhecimento. O principal desafio do projeto é, portanto, construir uma abordagem metodológica da pesquisa

também pela via dos saberes e sabores do corpo e, este, é um desafio para o qual não temos receita.

É importante ter em vista e buscar maneiras de observar, registrar, analisar e processar o fato de que as transformações na estrutura corporal e nas relações corpo-espaciais costumam significar transformações radicais no ser/estar dos sujeitos – uma das hipóteses principais deste projeto. Neste sentido, e tendo esses paradigmas ainda incomuns como referência, é que proponho fazer a revisão literária de ambos os campos, da coreologia e das performances, em diálogo com o processo da pesquisa empírica, apontando para a riqueza desse encontro, no que concerne a observação e análise das formas expressivas do corpo e do movimento.

O norte desta pesquisa, portanto é aprofundar a relação de complementaridade e a compreensão das nuances, das contradições e interstícios, ainda pouco explorados, especialmente no que concerne a observação, análise e conceituação das formas expressivas do corpo e do movimento. Ainda sobre os saberes da dança, como possibilidade reveladora de uma nova construção que se afina “com outras mudanças paradigmáticas no campo dos saberes científicos” Gabriele Brandstetter, discute, em seu artigo *Dança como cena-grafia do saber*, “como a dança contemporânea coloca seus saberes enquanto gestos de desdefinições em relação aos campos fixos dos saberes humanos.” (2012, p.101).

Rumo a essas “desdefinições” me lanço nas asas da pesquisa, com intenção de mergulhar nessa experiência, contradições, descobertas, abismos e vôos que virão, abraçando o desafio de construir uma narrativa cartográfica de corpo e alma, suor e lágrimas, risos e suspiros, nas tessituras dos conhecimentos corporificados ao longo do processo, com o canto e o movimento dos desejos, desencantos, surpresas, aprendizados, sabores, sons e cores do caminhar. Sussurra o desejo, ao final desta apresentação, de desejar que os vôos e mergulhos nesse processo sejam de corpo/alma inteiros!

Cronograma de atividades

	Reconhecimento do campus e do cenário científico. Mapeamento das prioridades da pesquisa.	Investigação e mapeamento das pesquisas teóricas, empíricas e metodologias em curso na Universidade. Participação em disciplinas e grupos de estudo.	Revisão bibliográfica das obras e autores pré-definidos. Investigação da cena cultural.	Investigação e pesquisa das obras e pesquisadores escolhidos. Exercício de diversas escritas narrativas.	Sistematização das análises e conclusões inconclusivas da pesquisa. Desenvolvimento e tessitura de uma linguagem narrativa.
MESES					
I	X	X			
II	X	X	X		
III		X	X		
IV		X	X		
V		X	X		
VI		X	X		
VII		X	X	X	
VIII		X		X	
IX		X		X	
X		X		X	X
XI		X		X	X
XII		X		X	X

Mês I e II - Reconhecimento do campus e do cenário científico: bibliotecas, acervos, pesquisadores, disciplinas. / Mapeamento das prioridades da pesquisa de acordo com a realidade encontrada.

Mês I à XII - Participação em disciplinas e grupos de estudo com o professor orientador e outros indicados, que permitam reflexões e desdobramentos para a pesquisa. / Investigação e mapeamento das pesquisas teóricas, empíricas e metodologias em curso na Universidade.

Mês II a VII - Revisão bibliográfica das principais obras teóricas já pré-definidas. / Investigação da cena cultural e manifestações culturais espontâneas das diversas comunidades e culturas presentes e ativas na cidade.

Mês VII à XII - Pesquisa de outros autores e obras que sejam percebidas como relevantes para a pesquisa. / Exercício de construção de narrativas corporificadas.

Mês X à XII – Sistematização das análises e conclusões inconclusivas da pesquisa. / Experimentação, desenvolvimento e tessitura de uma linguagem narrativa corporificada e descolonizadora dos resultados parciais e provisórios da pesquisa realizada ao longo do ano.

Bibliografia

BRANDSTETTER, G. *A dança como cena-grafia do saber*. Revista Urdimento, Nº 19, novembro de 2012.

FISCHER-LICHTE, E. *Culture as performance: theatre history as cultural history*. In: *Ästhetik des Performativen*, Frankfurt a.M.: Suhrkamp 2004.

GOFFMAN, E. *As representações do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. II. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

HARTMANN, L. *A memória na pele: performances narrativas de contadores de “causos”*. *Revista Ilha*, Florianópolis, v. 9, p. 215-245, 2009b.

_____. *Corpos que contam histórias: performance e identidade de contadores de causos*. *O Teatro Transcende*, v. 15, p. 16-25, 2009a.

LANGDON, E. J. *Performance e sua diversidade como paradigma analítico: a contribuição da abordagem de Bauman e Briggs*. *Revista Ilha*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 163-183, 2008.

MALUF, S. W. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas*. *Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, Florianópolis, v. 9, p. 87-101, 2002.

MOTA, J. *Rudolf Laban, a coreologia e os estudos coreológicos*. *Repertório*, Salvador, n. 18, p. 58-70, 2012.1.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SANTOS, B. de Souza. *Epistemologias do Sul*. Org.: Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Menezes. Coimbra, Edições Almedina, 2009.